



Quero Saber - Principal José Tribolet Autor: N.D. Editora: N.D.	Id: 1455959 Data Publicação: 01-01-2011 Fonte: Revista Edição: 4	Página: 1 Tiragem: 50000 Periodicidade: Mensal Idioma: Português	País: Portugal Âmbito: Nacional Altura x Largura: 7,57cm x 4,5cm		
---	---	---	---	--	--



Autorizada pela VISAPRESS para a reprodução, distribuição e/ou armazenamento de conteúdos de imprensa, das publicações por esta representada, sendo interdita qualquer reprodução, mesmo que parcial



OLHAR GLOBAL ENTREVISTA

Veja o mundo com outros olhos



José Tribolet

Cada vez mais dedicado à Engenharia Empresarial, revolucionou os modelos de investigação científica e desenvolvimento tecnológico em Portugal, com a criação do **INESC**, em 1980. Pedimos-lhe um balanço dos 30 anos da instituição e quisemos saber quais são, hoje, os seus maiores desafios.

Quero Saber (QS): Qual foi o marco mais importante da sua carreira?

José Tribolet (JT): O INESC! Ter fundado em 1980 e presidido desde então ao **INESC**, o primeiro instituto de I&D de carácter privado, portanto não estatal, em Portugal. Constatar que 30 anos depois, o INESC não só existe, mas persiste com boa saúde e com elevado grau de autonomia e resiliência, funcionando em Portugal nos moldes normalíssimos das instituições congêneras estrangeiras, é de facto algo que me realiza profundamente.

QS: Que balanço faz destes 30 anos?

JT: O balanço é imensamente positivo. O capital humano gerado, que está aplicado por todo o mundo, criando valor nas empresas, nas escolas, na administração, é imenso e vital para o país. O conhecimento produzido, para além da sua contribuição para o património científico e técnico mundial, está hoje imbricado em inúmeras cadeias de valor, suportando produtos e empresas novos, actuando em Portugal e no mundo. O sistema **INESC** – inserido nos sistemas universitários dos seus associados – o IST/UTL, a Universidade do Porto e a Universidade de Coimbra – está na base de centenas de novas empresas criadas pelos jovens que por aqui passaram.

Mas, acima de tudo, o **INESC** é a prova de que a universidade e a investigação científica nacionais são capazes, adultas, responsáveis, profissionais, sabem organizar-se, gerir-se, competir, aprender. O **INESC** demonstra que o interesse nacional, o interesse público, não é coutada reserva do Estado. O progresso da nação precisa de muitos **INESC** que pugnem por Portugal e por cada um de nós, no quadro de uma cidadania institucional que não vive à sombra do Estado.

QS: E dos dez anos do INESC-ID?

JT: Ao regressar do meu ano no MIT, no final de 1998, decidi avançar com uma reestruturação radical do sistema **INESC** de então. As razões foram diversas, mas no meu íntimo, a partição do **INESC** único e monolítico dos anos 90 no sistema em rede actual dos anos 2000 fez-se por uma razão essencial – gerar, de forma natural, lideranças para o futuro.

Eu sabia que um dos grandes dramas das instituições de sucesso, criadas de forma personalizada – como foi o caso do **INESC** e de muitas empresas familiares –, é a dificuldade de lidar com a mudança geracional e dos paradigmas de liderança mais adequados ao evoluir do tempo. É conhecido o triste fado das empresas de sucesso que afundam pela teimosia dos seus líderes fundadores em não saírem da frente no momento certo e, pior ainda, em não apostarem na criação de líderes melhores que eles.

Enquanto estive em Cambridge, na Sloan School do MIT, reflecti muito sobre isto e falei com os meus professores sobre o assunto. E compreendi que a minha obrigação como líder e fundador do **INESC** era agora produzir líderes e sair da frente.

QS: Que foi o que fez...

JT: Foi o que fiz. Foi arriscado. Muitos dos meus melhores amigos e colegas não compreenderam esta "retraição" do poder. Interpretaram como tendo abandonado a luta, como tendo-me instalado "no tacho" de presidente do **INESC**. Mas agora podem todos ver os resultados e julgar a bondade da estratégia seguida. Os diversos **INESC** criados desde 1999 estão alive and kicking, são do melhor que há no sistema científico e tecnológico nacional, e têm lideranças novas, competentes, dedicadas e corajosas

PERCURSO

1971

Licenciou-se em Engenharia Electrotécnica, no Instituto Superior Técnico (IST), com 18 valores, e inicia a carreira, como engenheiro electrotécnico do IST, na área das chamadas "conexões fracas".



1977

É Doctor of Science on Electrical Engineering and Computer Sciences pelo MIT, onde está desde 1972, obtendo, em 1976, o grau de Master of Science in Electrical Engineering.

1980

Cria o **INESC** – Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, que lidera desde então, inaugurando um novo modelo de I&D público/privado em Portugal.



1998

Regressa a Portugal após mais uma passagem pelo MIT e queixa na construção do novo domínio científico e pedagógico das Soluções de Informação Empresariais, no IST.

ENTREVISTA

José Tribolet

A Engenharia Informática do IST continua a ser uma prioridade para o professor/gestor.



e que foram auto-geradas, de baixo para cima, filtradas pelos resultados da sua acção nesta década.

O caso do **INESC-ID** em Lisboa, agora com uma década, é um exemplo perfeito. A excelência da sua investigação, a vitalidade das teses em curso, a amplitude de projectos nacionais e internacionais, a dinâmica de incubação empresarial relevam a qualidade dos seus membros e a competência e a visão da sua liderança. Eu estou grato e em dívida com todos eles.

QS: Como caracteriza, hoje, o papel de ambas as instituições?

JT: O sistema **INESC** é hoje uma rede, cujos nós principais – os diversos institutos em Lisboa, Porto e Coimbra – são os grandes protagonistas. O **INESC** original, a que presido, cumpre funções efectivas de cola estratégica, procurando manter a dinâmica positiva da unidade no que aquela traz de mais-valia e apostar na diversidade no que enriquece o todo. A relação entre todo o **INESC** e as partes depende também muito do ambiente externo, nacional e internacional, da C&T e da economia em geral. E tudo isto tem ciclos. Com 30 anos de vida institucional, o **INESC** já viu e viveu em vários ciclos nacionais e internacionais, uns em que se aposta na pulverização, outros em que se incentiva o armazém de jogo colectivo.

Com a actual configuração, o sistema **INESC** é resiliente e ágil, podendo mais facilmente fazer face aos cenários de adversidade ou aos mais expansivos. Acima de tudo, é preciso ter sempre em mente que o **INESC** é de forma geral as organizações são instrumentos para nós, humanos, atingirmos fins. O sistema **INESC**

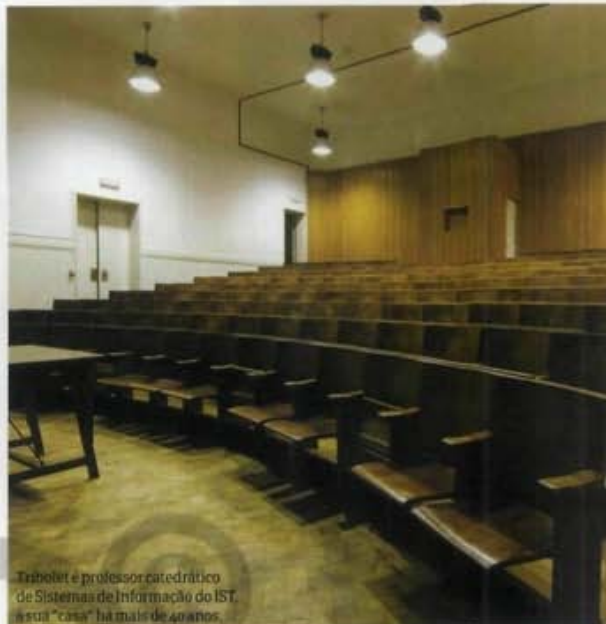
é um instrumento chaveira da universidade portuguesa, para cumprir a sua missão. Apenas isso.

QS: E que futuro lhes antevê?

JT: Com sinceridade: trabalho, dedicação e sacrifício. A bem de Portugal e dos nossos filhos. E a noção de que não há direitos e privilégios adquiridos, decorrentes da qualidade de universitário e investigador. Há, sim, obrigações adicionais por esse facto. Servir é o lema que nos deve orientar a todos, no presente e no futuro. E, nesta conformidade, prevejo um futuro de realizações positivas, institucionais e sobretudo individuais, ao nível de cada um dos colaboradores, como pessoas.

QS: Na sua opinião, qual deve ser o papel da tecnologia na educação?

JT: Na educação, não vejo nada que seja diferente do papel da tecnologia nas outras actividades humanas. Na aprendizagem, sim. O fundamental é aprendermos a usar a tecnologia numa simbiose crescente com a humanidade, numa perspectiva de ecossistema sociotécnico. As tendências actuais, nos domínios da vida, do ambiente, da sociedade de informação mostram claramente que a densificação da relação entre os humanos e os artefactos tecnológicos está a alterar os paradigmas da própria sociedade. Juntando educação e aprendizagem, é urgente que se intensifiquem as práticas de aprender fazendo, sustentadas obviamente por bases teóricas, científicas e técnicas sólidas. Em particular, em Portugal, temos de mergulhar o nosso ensino e a aprendizagem dos nossos alunos na realidade real. E nela, e só nela, que iremos criar riqueza, económica,



Tribolet é professor catedrático de Sistemas de Informação do IST. A sua "casa" há mais de 40 anos.



Um espaço modernizado por Tribolet, um pioneiro do conceito de Parque de Ciência e Tecnologia em Portugal.

social e cultural. Urge mergulhar os professores na realidade real. Esse foi um dos desígnios originais do **INESC**. Que não se perca nunca!

QS: Quais são os seus próximos desafios?

JT: Em termos institucionais são o **INESC** no seu todo nacional, a **Engenharia Informática** do IST e o futuro do Taguspark, de que sou um dos criadores originais. Em termos científicos, vou continuar a liderar o desenvolvimento da Engenharia Empresarial no mundo e a dinamizar doutoramentos nesta nova área sob minha orientação e dos meus jovens doutorados. Em termos pedagógicos, vou concentrar-me na introdução de disciplinas no domínio da Modelação, Engenharia, Arquitectura e Governação Empresariais, com ênfase naturalmente nos Sistemas de Informação, a todos os níveis de ensino, primeiro, segundo e terceiro ciclos universitários.

Em termos profissionais, vou continuar a actuar junto de empresas e da administração central e local, na concepção e condução de transformações organizacionais associadas às mudanças nos sistemas de informação.

Em particular, continuarei a apostar no poder de transformação do conhecimento e das técnicas que domino, para a mudança profunda que é imperioso concretizar na Administração Pública e nas Empresas, para fazermos mais e melhor com menos recursos.

Finalmente, em termos pessoais, quero intensificar a diversificação de interesses que já venho desenvolvendo desde há cinco anos, alocando mais tempo à família, que tão sacrificada tem sido, e aos amigos, passando mais dias no Alentejo, envolvendo-me em causas locais e regionais, enfim, preparando uma transição suave para os dias de mais maturidade que estão associados a quem já tem 60 anos.

“O progresso da nação precisa de muitos INESC, que pugnem por Portugal e por cada um de nós, no quadro de uma cidadania institucional.”